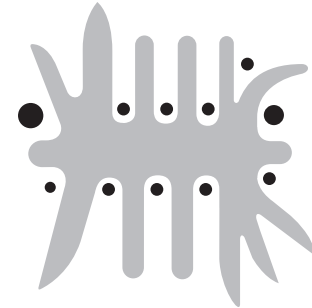


andrea c. faria



canina

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X X I I

CANINA

© 2022, Andreia C. Faria e
Edições Tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Canina*
Autora: Andreia C. Faria
Coordenador da colecção: Pedro Mexia
Revisão: Madalena Alfaia
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Julho de 2022

ISBN 978-989-671-693-6
DEPÓSITO LEGAL N.º: 501961/22

*Translação
cabela
da Terra.*

António Osório

CANINA

Outra criatura se recorta nos meus gestos.
Outra que a devassa
a natureza, a melancólica prática da carne
acesa em lanhos vivos,
beijos, o mínimo arroubo de dentes
no escuro. Outra criatura poussa.
Come e dorme com regalo,
pela tarde beberica
esparsas brisas no caramanchão.
Odeia uns quantos, ladra muito.
Também ama, se entre o medo
um soldado lhe desarticula a alma,
e sente-lhes o cheiro quando à terra
chegam ossos de indigesto esplendor.

IMPRATICÁVEL

Digo que sou uma mulher
e como tal acedo à espécie pelo seio, pelas partes
mais sensíveis.
Pelo espinho quase rouco, impraticável
e os sentidos uma claridade fria.
Mas nunca soube como fere o flanco
a cicatriz
tão funda que a mulher concede.
As minhas unhas
como pequeninos seixos na doce podridão da terra
sempre se livram de tanger metais.

RENTE

E na ceifa da manhã, de olhos lavados,
descongelado o pão que é do sono
a cauda fulva, as minhas mãos
pousam sobre tudo como um velho anjo
com a sua infância, a sua fé
(e nem a dou por extinta).

Fazem café, dão corda aos dias
como pedras de um rosário, esfolam
rente a barba azul de um abacate
(e tudo o que tem rosto e que se abate).

Muito extraem da paz dos animais,
de lentas despedidas que se fazem
entre as árvores, no alburno do milénio.

E eu digo que te amo, mas os elementos
são na carne espinhos quentes
desfolhados pela luz do que vivia.

Amo sequer a mão que obedece
sem remorso ao que de imaginar cabia.

ONDE ME ARDE

*Llevo colgados de mi corazón
los ojos de una perra*

Antonio Gamoneda

Dou à memória este talhão amargo
em quarto de aluguer, onde me arde
o ar entre vestidos e aprestos
que se engolem como estranha flor à luz
mudável da manhã.

No princípio era a memória
levedando em precisões nocturnas,
tendida pela má carícia até ao animal que dorme
a um canto, a sua cria e o murmúrio
dos meus sonhos sobrepostos. Depois
penúria, o ouro frio das constelações
apontado ao rosto em anos, rasgos
entre a carne e a ferrugem das esferas,
meu suor de animal ao mês
e a música de uma palavra ferida
pelo uso, mesmo que na falha
escura da respiração
se revele vivo um corpo
mal tocado pelo mundo.

Era assim. Era assim, como nas más recordações
de Gamoneda, todavia sem poema
nem infância, e da cadela a desfocada cauda viva

entre vestidos e aprestos que me engolem,
o maço de tabaco que aumentou
10 cêntimos, solteiro o corpo tão adulto
e lobo outrora, a culpa
um caroço adoçando toda a terra.

Falo do perigo partilhado das espécies
que respiram: a olho nu
estabelecem a sua solidão. Roubam
ao céu as alegrias, às farpas do sobrado
o entreter do sangue. Mordem
as migalhas espantosas do amanhecer
no debulhar do Verão, dormem
como o bafo de crianças entre a lã,
e só a urina as interrompe,
ao fim de horas recendendo.



canina

de Andreia C. Faria
foi impresso na Rainho&Neves,
em papel CoralBook de 90 g, em Julho de 2022.